

Greve e Parla- mentarismo

25.4 Raul Pilla 57

COSTUMO definir o jornalista como o homem capaz de escrever sobre tudo, principalmente sobre o que não conhece. Quem, antes de escrever um artigo, sente a necessidade de aprofundar-se na matéria, poderá ser tudo, menos jornalista.

Eu não teria, portanto, o direito de espantar-me; ao ler certos comentários a respeito da reforma parlamentarista, se o jornalismo, além da quase universal capacidade de escrever, não requeresse também outros atributos, como fácil intuição e apreciável probidade mental.

Assim, pode o jornalista nunca ter estudado o parlamentarismo e, todavia, sobre ele dizer coisas acertadas, graças ao seu bom critério e aos conhecimentos difusos que a própria imprensa diariamente ministra. Não é o caso, porém, de alguns jornalistas que por dever de ofício ou por outros motivos menos óbvios, têm comentado a reforma parlamentarista: não suprem a ignorância pela intuição e, destituídos de intenção reta, perpetram às vezes verdadeiros disparates.

Assim, pergunta um jornalista paulistano a seus leitores, a propósito da recente crise ministerial em França e da greve operária de São Paulo, se eles, pobrezinhos, já avaliaram uma crise de gabinete em plena greve. Argumenta êle como se em quase todo o mundo democrático não vigorasse o sistema parlamentar, não houvesse quedas de gabinete e não se produzissem greves, com a coincidência, algumas vezes, de ambos os fenômenos. Raciocina êle, de acôrdo, aliás, com o primarismo democrático do presidencialismo, como se o govêrno, em vez de uma instituição, fôsse uma pessoa, ou um grupo de pessoas, e que sem govêrno deixasse o país uma crise ministerial.

Entretanto, sem conhecimentos especiais, pela simples notícia do que vai pelo mundo, deverá o jornalista saber que o gabinete, embora seja normalmente o govêrno, é apenas a parte móvel, substituível do poder executivo e que, na falta ocasional dela, não deixa de funcionar a alta administração, aí sob a ação direta do chefe do Estado, que então passa a exercer transitôriamente nãel análogo ao do presidente da República no regime vigente. Nunca deixaria de haver govêrno, embora exercido em condições diferentes das habituais.

Isto saberia o jornalista, se jornalista fôsse. E saberia mais que no sistema parlamentar não se poderia nunca verificar o que, na greve de São Paulo se está verificando: serem pessoas com alta responsabilidade no govêrno, tanto federal, como estadual, os promotores e aculadores da greve. Tais coisas somente no regime da demagogia e das competições pessoais pelo poder poderiam acontecer.